

FORMANDO UM ALUNO LEITOR: SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA O 1º ANO DO CICLO I DO ENSINO FUNDAMENTAL

Glaucia Maciel

INTRODUÇÃO

Por que ensinar Literatura nas escolas? A Literatura serve tanto para formar quanto para transformar um indivíduo. Para tanto, o indivíduo precisa se tornar um leitor que permita que a obra dialogue com ele, que esteja aberto para o que o texto possa ensinar, as reflexões que possa fomentar e a fruição que possa proporcionar. A escola é um espaço tradicionalmente de formação, mas também pode ser uma oportunidade de transformação, o local onde o início desse diálogo pode florescer. Através do estudo da Literatura procuramos enriquecer a relação do aluno consigo mesmo, com os demais alunos, com o professor e com seus familiares.

O trabalho que se propõe refere-se ao primeiro ano do Ciclo I do Ensino Fundamental, geralmente com alunos com cerca de seis anos de idade, que iniciarão seu processo de alfabetização. Pensamos em uma turma com vinte alunos, mas as atividades também podem ser desenvolvidas com turmas de até vinte e cinco alunos, talvez sendo necessário somente ampliar o número de aulas; em turmas com mais de vinte e cinco alunos, o melhor seria desenvolver outra dinâmica de ensino, que não será objeto deste trabalho. Podem ser reservadas duas aulas por semana, com duração de cinquenta minutos cada. A intenção é desenvolver essa sequência didática no quarto bimestre do ano letivo, momento em que os alunos já deverão estar mais familiarizados com as letras.

Todo aluno chega à escola com um conhecimento prévio específico, e é importante que possam vivenciar um percurso educativo capaz de contemplar as diferenças em sala de aula. É por essa razão que gostaríamos de iniciar a apresentação da literatura de maneira responder a essa diversidade, tentando abarcar desde o aluno que já tem contato com livros e histórias como aqueles que não tiveram a oportunidade dessas experiências fora do contexto escolar. Esse conhecimento prévio irá se apresentando no decorrer das atividades, porque o aluno vai construindo o sentido daquilo que aprende a partir de seu próprio repertório, e o professor deverá estar atento para saber reconhecê-lo e poder utilizá-lo durante as aulas, ainda que necessite alterar algum item do planejamento.

Procuramos desenvolver uma sequência didática que contemple as expectativas de aprendizagem para essa etapa de escolarização, de acordo com o que propõe o próprio Ministério de Educação e Cultura: “as crianças do 1º ano têm o direito de aprender e desenvolver competências em comunicação oral, em ler e escrever de acordo com suas hipóteses. Para isto é necessário que a escola de Ensino Fundamental promova oportunidades e experiências variadas para que elas desenvolvam com confiança cada vez mais crescente todo o seu potencial na área e possam se expressar com propriedade por meio da linguagem oral e da escrita” (MEC - Diretrizes Nacionais para a Educação Infantil, acesso no site).

Temos por objetivo com esse trabalho a formação de um leitor, portanto consideramos importante que o contato com a Literatura se dê de modo mais livre possível, privilegiando o direito desses pequenos e novos leitores em relação ao texto, mesmo porque, o objetivo do Ciclo I do Ensino Fundamental não é aprender a explicar os textos, mas tentar criar um diálogo entre o leitor (aluno) e o texto, sendo mais

importante o processo de formação deste leitor, do que suas habilidades de interpretação de textos, como bem colocou Tauveron (TAUVERON, 2002). O que se espera desse trabalho é a ocorrência de um laço afetivo entre leitor e obra, que permita que o aluno encontre sentido, projete-se, identifique-se, analise e estabeleça relações com o texto apresentado.

É importante ressaltar que não desprezamos os direitos do texto, mas neste momento da aprendizagem ele não é relevante. É importante que um aluno possa reconhecer o que realmente diz um texto, mas para melhor executar essa tarefa, ele deve antes tornar-se um aluno-leitor.

A seguir, apresentaremos uma sequência didática que procura contemplar tais objetivos, e, ao longo da apresentação, daremos maiores informações sobre as obras que utilizaremos como suporte para as aulas.

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nossa primeira intenção era a de propor um trabalho a ser desenvolvido em dez aulas, mas acabamos por acrescentar uma aula a mais, pois consideramos importante introduzir uma reflexão sobre as relações humanas dentro da escola.

Primeira aula: O professor coloca no quadro negro “Aula de Literatura”, logo abaixo a palavra ‘PARLENDAS’ em letra de fôrma e em letra cursiva (para que os alunos se habituem às diversas formas de se apresentar o nosso alfabeto e nossa escrita; geralmente lemos em letra de fôrma e escrevemos em letra cursiva). É importante que o professor indique que naquele momento do dia letivo, esta será a disciplina trabalhada, e dentro dela, qual será o tema tratado. Tal procedimento deve se repetir em todas as aulas.

Em um primeiro momento, as carteiras são afastadas e as cadeiras são dispostas em círculo, justamente para marcar que esta é uma aula diferente. Depois de todos acomodados, inclusive o professor, este começa dizendo que nesse momento se inicia a aula de Literatura, e que o tema da aula será “Parlendas”.

Decidimos que o primeiro contato com a Literatura deve ser agradável e, se possível, divertido. As parlendas com seus jogos de palavras e conotação engraçada e lúdica podem favorecer o objetivo que desejamos nessa primeira aula, que é mostrar que a Literatura não é um bem que está ao alcance de alguns, mas é algo que, sem que nós percebamos, faz parte de nossas vidas. Da mesma forma que muitas parlendas são de domínio público, a Literatura, em seus diversos gêneros, pode ser apropriada por todos e pode estar ao alcance de todos. A parlenda é um gênero literário que pode ser encontrado em qualquer lugar do mundo, e é um exemplo de total apropriação do texto pelo leitor. As parlendas não pertencem mais a quem as escreveu, a maioria de seus autores é desconhecida, elas foram tomadas pelos leitores, modificadas e transmitidas, principalmente pela forma oral, de geração em geração.

Como base para a aula, usaremos o livro de Heloisa Prieto, *O jogo da parlenda*. Neste livro, ilustrado por Spacca, a autora apresenta dezenove parlendas bem conhecidas por nós, conectadas por um texto que procura dar unidade ao livro. As ilustrações, de caráter cômico, seguem a própria característica desses textos. Nossa intenção não é trabalhar as dezenove parlendas do livro, mas apenas três (O sapo não lava o pé, p.10; Batatinha quando nasce, p.15 e A aranha arranja a jarra, p.34) para

servir de exemplo para os alunos; o que não impede o uso das demais, conforme a preferência de cada professor.

“Alguém sabe o que são parlendas?” Provavelmente não haverá nenhuma resposta positiva. Então será o momento do professor expor para a turma o que são parlendas: que são poemas engraçados, cantigas, adivinhações, muitas vezes sem lógica, e que provavelmente todo mundo conhece ou já ouviu alguma. É importante ele dizer que não se sabe quem escreveu a maioria das parlendas, que elas geralmente não são encontradas em livros e que são transmitidas oralmente.

“Querem ver como já vocês ouviram uma parlenda?” Então, ele pode recitar/cantarolar a parlenda “O sapo não lava o pé”:

*O sapo não lava o pé,
não lava porque não quer,
ele mora lá na lagoa,
não lava o pé porque não quer,
mas que chulé!*

“Então, quem conhece essa parlenda?” É possível que todas as crianças já a tenham ouvido, mas pode ocorrer que alguma não. Então, ela pode propor que todos recitem/cantem juntos a parlenda do Sapo. Depois, pode falar sobre o que diz a parlenda. No caso, pode-se perguntar quem tem chulé, quem não lava o pé igual ao sapo etc.

“E esse outro poema, vocês conhecem?”

*Batatinha quando nasce,
esparrama pelo chão,
menininha quando dorme,
põe a mão no coração.*

Espera pela manifestação dos alunos. Depois...

“E vocês, conhecem algum poema igual a esse do Sapo e da Batatinha?” É o momento de deixar os alunos apresentarem suas experiências. É importante o professor anotar no momento, ou a *posteriori*, as parlendas trazidas pelos alunos.

“Como lição de casa, vocês vão pesquisar junto aos seus pais, avós, tios, primos, irmão, ou seja, qualquer pessoa da família se eles conhecem alguma parlenda; e vocês irão trazê-la para a nossa próxima aula de Literatura.”

“Agora para terminar, todo mundo tem que falar rápido essa parlenda!”

*A aranha arranha a jarra,
A jarra arranha a aranha;
Nem a aranha arranha a jarra,
Nem a jarra arranha a aranha*

O professor deve falar pausadamente cada verso, até todos gravarem, depois todos juntos devem falar rápido o poema, sem errar. Como é uma tarefa bem difícil, é provável que os erros apareçam e devem ser tratados de maneira cômica, para que a tarefa seja divertida e prazerosa. O professor pode propor que eles treinem em casa para a próxima aula.

Ao final da aula, ele deve entregar aos alunos uma folha com essas três parlendas impressas, justamente para que eles possam ler o que foi apresentado oralmente durante a aula, e possam treinar a parlenda da “Aranha”.

Em nossa primeira aula de Literatura o professor não explicou aos alunos o que é Literatura. Ele só deve fazê-lo se perguntado. O importante não é, neste momento, saber o que é Literatura, mas vivenciar a experiência literária.

Segunda aula: no quadro negro: Aula de Literatura – Parlendas.

Pede-se aos alunos que façam grupos com três ou quatro participantes (em turmas com vinte a vinte e cinco alunos, poderemos ter de cinco a sete grupos): “lembro que, como lição de casa, pedi uma pesquisa para vocês. Agora, em grupo, cada um deve mostrar aos colegas quais parlendas conseguiu pesquisar. Depois o grupo escolherá uma delas para apresentar para toda a turma”.

O professor deve calcular o tempo necessário para essa discussão, a fim de que ela não se alongue demasiadamente, permitindo o compartilhamento do que foi trabalhado em grupo com o restante da classe. Também deve deslocar-se entre os grupos verificando as discussões e auxiliando os alunos.

Na segunda parte da aula, afastam-se novamente as carteiras, dispondo as cadeiras em círculo. É o momento de deixar os alunos apresentarem o resultado de suas discussões. Cada grupo deve eleger um colega para apresentar aos demais a parlenda escolhida. Quando um aluno apresentar uma parlenda, deve-se pedir que depois ensine aos demais, inclusive ao professor; e assim, sucessivamente, em um exercício de compartilhamento da experiência literária. Nesse momento, mais do que uma apresentação, o exercício deve ser conduzido na forma de uma conversa entre todos acerca dessa experiência de literatura oral. A discussão deve continuar com o professor inquirindo os alunos a respeito das parlendas escolhidas, se têm algum significado e qual seria ele. Não se busca uma interpretação adequada de um texto, mas a verificação se houve uma adesão por parte dos alunos ao trabalho com esses textos.

Para finalizar a aula, procura-se retomar o que foi feito na aula anterior. O professor não deve se preocupar se os alunos escreveram as parlendas, porque o objetivo é o trabalho oral e de memorização, como tradicionalmente se transmite esse gênero literário. A oralidade é importante em si mesma, ela não deve ser considerada como mero suporte para a escrita ou vice-versa. É importante que cultivemos o hábito de expressar em palavras aquilo que está em nossa mente, de transmitir claramente aos outros aquilo que desejamos, e isso também requer prática, é o que procuraremos trabalhar com os alunos.

“Então, vocês se lembram das parlendas que falamos na aula passada? Quem pode recitar?” Espera-se que algum aluno levante a mão, ou vários, e juntos procurem repetir a parlenda do “Sapo” e da “Batatinha”; é bom deixar a da “Aranha” novamente para o final.

“Lição de casa: de todas as parlendas que nós ouvimos e aprendemos, cada um vai fazer um desenho da que mais gostou e trazer para a próxima aula. Agora para encerrar, todo mundo treinou a parlenda da ‘Aranha’? Então vamos todos juntos recitá-la!”

Terminamos a segunda aula igual à primeira, em um clima de brincadeira e descontração, permitido pelo texto trabalhado.

Terceira aula: no quadro negro “Aula de Literatura”. Carteiras afastadas, cadeiras em círculo. O professor inicia a aula perguntando se todos trouxeram seus desenhos, então, usará a parlenda “Uni dune tê, salamê minguê, um sorvete colorê, o escolhido foi você!” para escolher quem começará a atividade, que é mostrar seu desenho à turma; os demais terão de adivinhar de qual parlenda é o desenho. O aluno escolhido usará a mesma parlenda (“Uni dune tê”) para determinar o próximo a se apresentar, e assim sucessivamente. O objetivo é que as crianças procurem nos desenhos ligações com o texto oral e também verificar como cada aluno interpretou a parlenda escolhida, além de começar a prepará-los para a leitura de imagens. Os desenhos serão recolhidos para que depois o professor possa verificar como cada aluno lidou com a tarefa proposta, que aspectos escolheu apontar, e o que se mostrou mais marcante para ele.

Apresentado o último desenho, o professor irá mostrar as ilustrações de Spacca no livro *O jogo da parlenda* para que eles vejam como ele interpretou através de imagens cada poema. O professor deve pausadamente apresentar cada figura para todo o círculo, e depois passar o livro para que todos possam manuseá-lo e ver as ilustrações mais de perto.

Enquanto os alunos manuseiam o livro, o professor escreverá no quadro negro abaixo de “Aula de Literatura”, “Poesia”. Ele volta ao seu lugar no círculo, acalma a todos, e pergunta aos alunos o que é poesia. Depois de ouvir tudo o que eles tenham a dizer, o professor deve avaliar o que falta acrescentar. O importante é que os alunos saibam que a poesia é a arte de escrever em versos, que podem se apresentar em rimas ou não, e que geralmente expressam aquilo que o autor do poema está sentindo; que a poesia são emoções em palavras.

Levou-se tempo considerável na apresentação dos desenhos, e o tempo restante provavelmente será curto, mas suficiente para o professor ler uma poesia. O professor deve dizer aos alunos que recitará um poema, para eles terem um exemplo:

O gato, de Vinicius de Moraes

*Com um lindo salto / Lesto e seguro / O gato passa / Do chão ao muro / Logo mudando
De opinião / Passa de novo / Do muro ao chão / E pega corre / Bem de mansinho
Atrás de um pobre / De um passarinho / Súbito, pára / Como assombrado
Depois dispara / Pula de lado / E quando tudo / Se lhe fatiga / Toma o seu banho
Passando a língua / Pela barriga.*

Essa é uma sugestão, mas o professor pode utilizar outro poema. O importante é que ele goste daquilo que está apresentando, e deve treinar e se preparar para recitar os

poemas, porque a sonoridade, o ritmo e a expressão são componentes importantes na recitação e na recepção do texto.

Depois de lido, o professor entregará uma cópia do poema aos alunos. Com o texto escrito em mãos, será feita nova leitura, e os alunos poderão acompanhá-la. Como tarefa para a próxima aula, será solicitado a cada aluno que pesquise e traga um outro poema. Eles poderão pedir ajuda aos pais e familiares nessa tarefa. Pode ser qualquer poema, contanto que seja para crianças. Eles deverão treinar a leitura em casa para apresentar aos colegas em sala de aula.

Quarta aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Poesia”.

O objetivo em se trabalhar com a poesia é que ela favorece o trabalho coletivo; a sonoridade, o ritmo das palavras e a rima favorecem a memorização e permite que todos, em conjunto, recitem os versos, em uma atividade cooperativa. O sentido é observado individualmente, contudo, pode ser dividido com os demais. É um exercício oral de expressão em palavras de sentimentos provocados por um texto, sentimentos que podem e devem ser compartilhados com os colegas da turma.

Novamente o professor pede aos alunos que se reúnam em grupos de três ou quatro alunos cada, mas que não sejam os mesmos grupos da segunda aula, para que cada um tenha a oportunidade de interagir com outros colegas. Cada aluno deve apresentar aos demais membros de seu grupo o poema (ou poemas) que trouxe, e o grupo elegerá aquele que deverá ser apresentado para toda a turma, e quem o apresentará; não pode ser um aluno que já tenha apresentado antes, quando o tema eram parênteses, para que todos tenham a oportunidade de ser protagonistas nos trabalhos em sala de aula. O professor deve circular entre os grupos acompanhando e ajudando nas discussões.

Finda essa atividade, dispõe-se as cadeiras em círculo, pergunta-se quem gostaria de começar. Passa-se, então, para a leitura dos poemas, o professor procurando ajudar aqueles que tiverem maior dificuldade com a leitura. Não haverá interrupções entre as leituras para que todos possam ler. Terminada essa tarefa, o professor perguntará à turma se eles gostaram dos poemas, do que mais gostaram e do que não gostaram, e procurará criar uma interlocução com a classe a partir do que eles esboçarem.

Depois, o professor lerá o poema “A Casa”, também de Vinicius de Moraes. Após a leitura, distribuirá o texto escrito aos alunos e todos lerão juntos. Depois perguntará aos alunos sobre o que diz o poema, se eles gostaram, se eles conseguem imaginar a casa sem parede, sem chão... O professor procurará descortinar os sentimentos que foram despertados nos alunos. Depois, explicará que muitos poemas viraram canções, e colocará a música que foi feita deste poema para que eles ouçam como ficou. Se não houver o recurso multimídia para esta apresentação, o professor pode ele mesmo ensinar a canção aos alunos, utilizando-se de seus próprios recursos vocais.

Era uma casa muito engraçada

Não tinha teto, não tinha nada

*Ninguém podia entrar nela, não
Porque na casa não tinha chão*

*Ninguém podia dormir na rede
Porque na casa não tinha parede*

*Ninguém podia fazer pipi
Porque penico não tinha ali*

*Mas era feita com muito esmero
Na rua dos bobos, número zero*

Como lição de casa, os alunos deverão desenhar uma casa igual à do poema (é sempre importante ressaltar que o texto trabalhado pode ser alterado pelo próprio professor, atendendo às suas expectativas não só como professor, mas também como leitor). O exercício proposto não será fácil, mas é justamente para verificar o quanto de ludicidade perpassa a mente dos alunos, porque esse poema figura no campo do absurdo, do surreal; essa casa fantástica consegue se inserir no mundo do imaginário infantil e de alguma forma lá existir, e é essa existência que pretendemos visualizar nos desenhos apresentados.

Os poemas apresentados foram consultados via internet. Essa rede de comunicação é ótima fonte de pesquisa e coleta de dados. Os poemas foram recolhidos nas páginas: <http://peregrinacultural.wordpress.com/2010/06/29/o-gato-poesia-infantil-de-vinicius-de-moraes/> e <http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>, mas há diversas outras destinadas não só a Vinicius de Moraes, como à poesia infantil em geral.

Quinta-aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Livro de Imagem – O dia a dia de Dadá”. Cadeiras em círculo. O trabalho será realizado com o livro *O dia a dia de Dadá*, de Marcelo Xavier. É um livro composto por oito páginas. Em cada uma delas, vemos uma cena que narra um momento específico do dia de Dadá, a personagem principal deste livro. O autor decorou cada cena com objetos feitos em massinha. Com a mudança de cores, luzes e cenário, ele demarca os momentos do dia e as atividades da personagem. Na página 1, Dadá ainda está dormindo; página 2, Dadá está acordando; página 3, ela está escovando os dentes; página 4, ela está tomando o café da manhã; página 5, ela está na escola; página 6, ela está em casa tocando piano; página 7, ela está brincando; e, por fim, na página 8, ela está novamente dormindo (temos a mesma imagem da página 1).

Nosso objetivo é apresentar às crianças um gênero específico da Literatura, que em um primeiro momento pode não ser assim considerado, porque não tem um texto escrito. A Literatura é uma forma de interpretar o mundo, pois permite, através da ficção, que consigamos compreender nossa realidade. *O dia a dia de Dadá* está bastante próximo ao cotidiano dos alunos, permitindo que eles reflitam sobre o seu próprio dia a dia.

Este é um ótimo livro para se trabalhar, primeiro porque o tema que ele aborda pode ser facilmente compreendido pelos alunos, além de eles poderem se identificar com a personagem, demarcando os pontos onde esse dia difere ou não do seu próprio dia. Nem todos os espaços do dia estão preenchidos, portanto ele possui lacunas que podem ser preenchidas pelas crianças, como por exemplo, a hora do jantar, a hora do almoço, o percurso até a escola etc. De outra parte, há muitos detalhes nas imagens, bem como a presença de duas personagens coadjuvantes (a boneca e o gato) que também podem ser acompanhados ao longo desse dia, o que permite um trabalho muito rico de localização e descrição em cada uma das imagens. É uma história cíclica, ela termina exatamente como começou, com a personagem dormindo, o que permite aos alunos imaginarem se o dia seguinte será igual ou não. Apesar disso, ela tem espaço, tempo e linearidade bem delimitada, o que permite aos alunos perceberem o começo, o desenrolar e o fim da história, bem como onde e quando as ações acontecem, preparando-os para a compreensão de uma narrativa básica. Estas são algumas das razões que nos fizeram escolher esse livro para trabalhar em sala de aula dentro de nosso objetivo de subjetivação da história, permitindo que os alunos se apropriem da obra da maneira mais agradável possível.

“Hoje vou apresentar a vocês um livro que chamamos de Livro de Imagem, depois vocês me dirão por quê”. O professor estará sentado junto aos alunos no círculo, apresentará cada página do livro. Ao final da leitura das imagens, explicará aos alunos que este é um livro de imagem porque, como eles mesmos puderam constatar, não tem nenhuma palavra escrita, toda a história é contada por meio da própria imagem. O livro de imagem é um livro como qualquer outro, mas sem texto escrito, nós lemos a história através das imagens.

“Vocês conseguiram ler a história de Dadá somente através das imagens?” Provavelmente a resposta será sim. “Então agora vamos formar os grupos, tem de ser com colegas diferentes, não pode repetir (o professor deve anotar os integrantes dos grupos, para poder gerir essas composições e a rotatividade da turma). Em grupo, vocês vão procurar relatar como foi o dia da Dadá, e também escolher o representante do grupo, que irá apresentar para a turma, não pode ser alguém que já apresentou antes!”

Depois, em círculo novamente, o professor proporá ler novamente o livro, mas desta vez mais devagar. O representante de cada um dos grupos será chamado a ler uma página para os demais. Com o auxílio do professor, chamará a atenção para os detalhes que aparecem naquele momento específico do dia de Dadá, e também para as outras personagens. Esta será uma tarefa em que todos os grupos colaborarão para a leitura do livro. Há muitos detalhes que podem ser explorados: quem são os bonequinhos pequenos que aparecem nas páginas 1 e 8? Por que eles sumiram na página 2? O que o gato está fazendo no banheiro na página 3? O que Dadá está comendo no café da manhã? O que a professora está ensinando? Que música Dadá está tocando? Por que ela está brincando, será que não deveria estar fazendo a lição de casa? Estas são algumas das diversas perguntas que o professor pode propor para mediar essa leitura e aguçar a curiosidade e a observação dos alunos.

Por fim, ele pode perguntar se os alunos gostaram do livro e o que mudariam no dia a dia da personagem.

Sexta-aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Livro de Imagem”. Desta vez as carteiras e cadeiras estarão em seus lugares habituais. O professor entregará para cada

aluno uma folha de papel sulfite, que apresentará o título: “O dia a dia de.....” e estará dividida em seis quadrados, como o exemplo abaixo:

O dia a dia de.....

Nosso objetivo não é solicitar aos alunos que proponham um texto escrito para as imagens do livro estudado na aula anterior, porque não queremos passar a idéia de que este é um livro incompleto. Ele faz parte de um gênero diferente de Literatura, é um livro completo e conta sua história por si só. A proposta é que cada aluno desenhe seis momentos do seu dia, sendo que o primeiro quadro deve representar o momento em que ele acorda, e o último quando vai dormir. O objetivo é fazer com que o aluno se coloque no lugar da personagem; que ele perceba que entre o início e o fim de uma história se desenrolam ações que ligam esses dois momentos e que contem seu dia através de imagens. Os trabalhos ficarão expostos no mural da classe para que possam ser lidos pelos demais alunos, depois serão recolhidos pelo professor, que ficará de posse dos mesmos. O momento da composição e da exposição dos trabalhos deve ser acompanhado de perto pelo professor, para que ele possa auxiliar os alunos em suas dificuldades, e compartilhar a leitura dos trabalhos com eles.

Sétima aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Livro Ilustrado – A casa sonolenta”. *A casa sonolenta* foi escrito por Audrey Wood e ilustrado por Don Wood. Este é um livro que podemos chamar de acumulativo, em que a ação se repete, cada vez acrescentando um novo elemento à trama, e este foi um dos motivos que nos fizeram escolher esta obra para o trabalho em sala de aula, pois os alunos desta faixa etária apreciam esse jogo em que a ação se repete renovada; sua temática cômica acrescenta graça e leveza à história e também está presente nas ilustrações. O objetivo é apresentar uma leitura em que imagem e texto compartilhem o mesmo espaço; não ler o texto separado da imagem, ao contrário, é tentar ler os dois ao mesmo tempo, um complementando o outro. Este é um livro em que se pode fazer isso, pois as ilustrações em tom pastel e suaves, de contornos arredondados e fluidicos, constituem grande satisfação ao olhar e permite a total leitura da ação pela própria imagem. Outro objetivo é apresentar à turma uma narrativa em que seja possível identificar todos os elementos que a compõem: início, desenrolar, clímax e desfecho. Além das personagens, do espaço e do tempo.

A sala se organiza em círculo; o professor lê o livro: segurando o livro à frente, na altura dos olhos dos alunos, com uma das mãos, apoia o livro por baixo, e com a outra, vai virando as páginas pausadamente. Para tanto, é preciso que o professor conheça bem a história e esteja preparado para executar a tarefa.

Após a leitura do livro, a turma novamente se dividirá em grupos com formação diferente das anteriores. O professor proporá aos alunos que tentem localizar onde se passa a ação, quem está dormindo primeiro? Em que ordem as personagens vão aparecendo? Qual personagem não está dormindo? O que acontece no final? Estas e outras questões podem ser levantadas para que o grupo recupere a leitura e para que o professor verifique o que foi compreendido. O professor deve estar em constante movimentação entre os grupos, ajudando-os a desenvolver a discussão.

Após a discussão nos grupos, os alunos se reunirão novamente em círculo. O professor pode iniciar a conversa deixando que os alunos expressem o que sentiram a respeito da história. O representante de cada grupo (um aluno que ainda não o tenha sido) dirá o que o grupo achou do livro. Depois, todos juntos poderão refazer a história, o professor deve ir aos poucos mediando a conversação para verificar a compreensão do texto e a identificação do espaço, do tempo e dos personagens.

Se a escola tiver recursos multimídias disponíveis para uso em sala de aula, é possível, para encerrar esta aula, apresentar um vídeo em que um menino (voz) nos conta esta história, enquanto as páginas do livro são folheadas. Ouvir novamente a história, agora na voz de outra criança, pode acrescentar um elemento a mais para a apreciação deste conto pelos alunos. O vídeo pode ser acessado no seguinte endereço eletrônico: <http://www.youtube.com/watch?v=U0QNEaqq fA>. Caso não haja esse recurso, o professor pode encerrar a aula, relendo o livro para os alunos, que provavelmente o ouvirão de forma diferente.

Oitava aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Meu livro”. As carteiras e cadeiras não são rearranjadas. Cada aluno trabalhará em seu próprio lugar. Propõe-se que cada membro da classe, inclusive o professor, escreva seu próprio livro. O professor entregará para cada aluno um material composto de duas folhas de sulfite, dobradas ao meio e grampeadas, formando um livrinho de quatro folhas e oito páginas. A primeira página será a capa, e a última a quarta capa. Eles terão seis páginas para desenvolver uma história de tema livre. Pode ser uma história contada somente através de imagens, uma história que tenha texto e imagem ou uma história somente com texto. Como são alunos em processo de alfabetização, a expectativa é que sejam apresentados livros somente com imagens, o que é ótimo, pois o que se procura avaliar é se eles já conseguem criar uma situação que contenha começo, meio e fim; e que tipo de assunto os interessa a ponto de virar um livro seu. Todas as opções devem ser oferecidas para que eles se sintam livres para criar. Esse, portanto, é o objetivo dessa tarefa.

O trabalho se iniciará em sala de aula, com o professor auxiliando individualmente cada aluno, indo de carteira em carteira, e deverá ser concluído em casa, pois será apresentado na próxima aula. Deve-se esclarecer aos alunos que a primeira página do livro deve conter o título e o nome do autor (aluno) e que a última deve ficar em branco, pois encerra o livro.

Nona aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Leitura dos nossos livros”. A sala disposta em círculo. O objetivo dessa aula é o compartilhamento dessa experiência

criativa, que os alunos saibam ouvir o texto e a palavra do outro. Usando a parlenda *Uni duni tê*, escolhe-se quem iniciará a tarefa. Cada aluno irá ler seu livro para os demais. Em uma sala de vinte alunos, se cada aluno levar em média dois minutos (é provável que seja menos) para executar essa tarefa, em quarenta minutos as apresentações teriam terminado, restando ainda dez minutos de aula. Caso elas se estendam, pode-se continuar na próxima aula.

Antes da aula, o professor terá estendido um barbante de uma extremidade à outra da sala. Ao final de cada leitura, o aluno pendurará seu livro no barbante com um pregador de roupas, lembrando a cultura de exposição das obras da literatura de cordel. Quando todos os trabalhos estiverem pendurados, todos os alunos poderão ter acesso ao livro dos colegas, mas sempre com a expressa orientação do professor de que o livro deve ser colocado no lugar novamente depois de manuseado, e que, ao manuseá-lo, deve-se ter o cuidado de não estragá-lo. Com tanto contato manual, os danos serão inevitáveis, o que não deve ser motivo de tanta preocupação por parte do professor.

Dependendo de como os alunos se apresentarem nesta tarefa, pode-se estender o trabalho para mais uma aula, permitindo que a turma faça comentários, questionamentos, críticas ao aluno-autor do texto apresentado. É importante saber o que o aluno desejava expressar, e o que foi entendido pelos demais, pois contribui para a percepção – ainda que embrionária – de que nem sempre entendemos o texto da forma exata como o pensou seu autor, e que se deve respeitar o que o autor tem a dizer.

Décima aula: no quadro negro: “Aula de Literatura – Ilustração”. Nesta aula o professor apresenta aos alunos o seu livro, igual ao elaborado por eles. O livro do professor deverá apresentar somente texto escrito. Orienta-se que, em sua história, os alunos da turma estejam presentes, para que eles possam nela se reconhecer. Também deve ser de fácil acesso aos alunos do primeiro ano. O professor irá reforçar aos alunos o conceito de ‘ilustração’, lembrando os exemplos já apresentados, como nos livros *O jogo da parlenda* e *A casa sonolenta*, lembrando que as ilustrações fazem parte da história contada no livro

Depois de lida a história, o professor dividirá a turma em seis grupos de três alunos cada, e um grupo composto por dois alunos (contamos com uma classe de vinte alunos). Para cada grupo ele entregará um pedaço de cartolina branca cortada nas medidas de uma folha de sulfite. Cada grupo composto por três alunos irá fazer a ilustração do texto de cada página do livro, enquanto que o grupo com dois alunos ficará responsável pela confecção da capa.

Ao término deste trabalho, cada página ilustrada será afixada no mural da classe (ou na parede se não houver mural) na sequência correta, permitindo que a turma possa agora ler o texto e a imagem do livro confeccionado por todos. Na capa não pode deixar de constar o nome do professor como o autor do texto e o da turma como ilustrador. O professor e os alunos podem ler juntos as páginas do livro em exposição, comentando e avaliando coletivamente o trabalho executado.

O objetivo desta proposta é a de fomentar o trabalho coletivo e verificar como cada grupo interpreta através de imagens o texto escrito, no caso, o texto do professor. Ao mesmo tempo, que possam ter uma breve noção do que seria um trabalho de ilustrador de livros. O objetivo último é permitir que eles se apropriem do livro e o vejam como um objeto próximo e familiar.

Décima primeira aula: “Aula de Literatura – Leitura do livro *Um garoto chamado Rorbeto*, escrito por Gabriel, o Pensador e ilustrado por Daniel Bueno. Cadeiras em círculo, o professor faz a leitura da obra para os alunos.

Como já exposto anteriormente, a primeira intenção era a de compor esta sequência didática somente com dez aulas, mas relendo principalmente Cecília Meireles, tem-se a percepção de que um trabalho com Literatura deve ser também nutritivo e deve permitir que haja uma reflexão sobre o assunto tratado, mesmo que esse trabalho seja feito com alunos pequenos. O objetivo é encerrar este trabalho dando aos alunos a possibilidade de refletir sobre temas que devem fazer parte de sua formação como homens. Dentro de seus universos pessoais, muitas experiências podem ser compartilhadas, permitindo que a discussão salte do texto para a vida e vice-versa.

Foi escolhido este livro porque ele trata de um tema que hoje se discute muito não só no meio acadêmico, mas também nos próprios corredores das escolas: a aceitação da diversidade. O livro trata da história de um menino, cujo pai analfabeto (outro aspecto importante para se trabalhar com a classe) registra o nome do filho de maneira errada, ao invés de Roberto, ele se chama Rorbeto. Este menino descobre que tem seis dedos em uma das mãos, e passa a temer a possibilidade de não ser aceito pelas outras pessoas, principalmente seus colegas de escola. O livro ressalta que o mais importante é quem você é e o que você faz, do que a aparência que você possa ter.

Gostaríamos de encerrar o trabalho promovendo essa discussão, porque, apesar de ainda pequenos, eles já são capazes de entender o conflito da personagem, pois também são alunos e preocupados em serem aceitos por seus colegas. A identificação com o universo da personagem também pode auxiliar nessa reflexão. É uma ótima chance de discutir a tolerância, a amizade e o respeito, mesmo com alunos tão novos. A questão do analfabetismo pode ser útil para reforçar a importância que tem a Educação na vida das pessoas e a função social da própria escola, porque ler e escrever é fundamental para a vida em sociedade. Como afirmam diversos autores, não devemos subestimar a capacidade cognitiva das crianças.

O professor deverá mediar essa conversa aberta com os alunos, conduzindo, quando necessário, a atenção deles para os pontos mais importantes, considerando o que eles realmente enxergam como relevante no texto, ou fora dele, porque essas discussões podem trazer assuntos pessoais para a conversa. O ensino também possui um aspecto ético que se perfaz na construção de valores morais.

Dependendo da resposta dos alunos às atividades propostas, o professor pode ampliar o número de aulas, sem comprometer seu calendário, pois um bimestre é composto por oito semanas, portanto, dezesseis aulas, o que lhe dá margem para reorganizar o trabalho. Ao final desta sequência, o professor deve recolher todo o material obtido no decorrer das atividades e montar uma espécie de dossiê do que a turma desenvolveu até o momento no campo da Literatura. Esse dossiê o ajudará a fazer uma avaliação, não da turma, mas do próprio processo educativo, e servirá de base para a orientação de um novo projeto para o próximo ano. Será possível determinar as habilidades literárias já alcançadas, e com base nelas, propor uma continuidade deste trabalho, que poderá ser desenvolvido pelo mesmo ou por outro professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não possuo experiência como docente, então procurei desenvolver esta sequência didática baseada em minhas remotas lembranças escolares ainda no antigo ensino primário. Também não tive a experiência de um ensino específico em Literatura, este ensino consistia apenas no que havia nos livros didáticos da ocasião. Assim, procurei pensar uma sequência em que eu, enquanto aluna, gostasse de participar. Espero ter sido feliz em meu intento.

O que aprendi realizando este trabalho foi que, em qualquer sequência didática, você deve estar disposto e preparado para alterações necessárias durante o percurso. São a flexibilidade e a sensibilidade do professor que fazem um trabalho alcançar ou não seu objetivo. Não esqueçamos, evidentemente, que também é necessário empenho, comprometimento e, principalmente, gostar de Literatura. Para formar um leitor, é preciso ser também um leitor. É certo que em um grupo de vinte alunos, você não terá sucesso com todos, nem todos se tornarão leitores, mas se apenas alguns forem conquistados, o objetivo já terá sido alcançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Obras utilizadas em sala de aula:

MORAES, Vinicius. *A casa*. Disponível em <http://letras.mus.br/vinicius-de-moraes/49255/>, acessado em 30/06/2012.

MORAES, Vinicius. *O gato*. Disponível em : <http://peregrinacultural.wordpress.com/2010/06/29/o-gato-poesia-infantil-de-vinicius-de-moraes/>, acessado em 30/06/2012.

O PENSADOR, Gabriel. *Um garoto chamado Rorbetto*; ilustrações Daniel Bueno, São Paulo, Cosac Naify, 2005.

PRIETO, Heloisa. *O jogo da Parlenda*; ilustrações Spacca, São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2005.

XAVIER, Marcelo. *O dia a dia de Dadá*. 19º ed. São Paulo, Formato Editorial, 2009.

Referências consultadas para a elaboração do trabalho:

BRASIL. MEC Diretrizes Nacionais para a Educação infantil. Disponível em <http://pt.scribd.com/doc/27568929/Expectativas-de-Aprendizagem-Para-o-1%C2%BA-Ano>, acessado em 30/06/2012.

CANDIDO, A. *A Literatura e a formação do homem*. Conferência pronunciada na XXIV Reunião Anual da SBPC - São Paulo 1972.

FARIA, M. A. *Como usar a Literatura Infantil em sala de aula*. São Paulo, Contexto, 2004.

HUNT, P. Situação da Literatura infantil. In: *Crítica, teoria e Literatura infantil*. São Paulo, Cosac Naify, 2010, p. 43-73.

LANGLADE, G. O sujeito leitor, autor da singularidade da obra. In: ROUXEL, LANGLADE, G., REZENDE, N. (cords.). *Leitura subjetiva e ensino da literatura*. São Paulo, Alameda Editorial (no prelo).

MARTINS, A. M. M. *et alli*. Nietzsche e os Gregos: Arte, Memória e Educação. Rio de Janeiro, DP&A; FAPERJ; Brasília: CAPES, 2006, p. 267-278.

MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. 3ª ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

PINHEIRO, H. Poesia na sala de aula: por quê? In: PINHEIRO, H. (org.) *Poemas para crianças. Reflexões, experiências, sugestões*. Livraria Duas Cidades, São Paulo, 2000.

RAMOS, G. *A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

ROUXEL, A.. A tensão entre utilizar e interpretar na recepção de obras literárias em sala de aula: reflexão sobre uma inversão de valores ao longo da escolaridade. Trad. Marcello Bulgarelli. In: ROUXEL, LANGLADE, G., REZENDE, N. (cords.). *Leitura subjetiva e ensino da literatura*. São Paulo, Alameda Editorial (no prelo).

TAUVERON, C. Direitos do texto e direitos dos jovens leitores: um equilíbrio instável. Tradução: Marcello Bulgarelli. In: ROUXEL, LANGLADE, G., REZENDE, N. (cords.). *Leitura subjetiva e ensino da literatura*. São Paulo, Alameda Editorial (no prelo).